

**Ministério da Educação  
Universidade Federal de Santa Maria  
Centro de Educação Física e Desportos  
Curso de Pós-Graduação em Educação Física Escolar**

**ARTIGO**

**“A Formação do Professor de Educação Física: Fragmentos de Histórias de Vida no  
Contexto da Escola”**

**Especialista: Prof<sup>a</sup>. Amanda Teixeira Gomes**

**Orientador: Ms. Wencelau Leães Filho**

**SANTA MARIA, 30 DE OUTUBRO DE 2006.**

## **“A Formação do Professor de Educação Física: Fragmentos de Histórias de Vida no Contexto da Escola”**

Autora: <sup>1</sup> Amanda Teixeira Gomes

Orientador: <sup>2</sup> Wenceslau V. Cardoso Leães Filho

### **RESUMO**

O presente estudo focalizou uma pesquisa de fragmentos das trajetórias de vida de professores de Educação Física das Séries Iniciais do Ensino Fundamental, atuantes nas redes estaduais e particulares de Santa Maria. A pesquisa se caracterizou no paradigma da história de vida, a partir do qual reconstruímos uma experiência humana vivida em grupo. Assim, foi verificado se as vivências obtidas por uma cultura corporal de movimentos ao longo de suas vidas (identidade pessoal e identidade profissional), tiveram retrospectos em sua prática docente, contribuindo para que os mesmos se (re)descobrissem educadores e não apenas tematizassem práticas de ensino enraizadas historicamente.

**Palavras –Chave:** Educação Física, Histórias de Vida, Prática Docente.

---

## **“The Formation of the Professor of Physical Education: pieces of life histories in the Context of the School”**

Actor: <sup>1</sup> Amanda Teixeira Gomes

Advisor: <sup>2</sup> Wenceslau V. Cardoso Leães Filho

### **ABSTRACT**

The present study it focused a research of pieces of the trajectories of life of professors of Physical Education of the Initial of Basic Ensino, operating Series in the state and particular nets of Saint Maria. The research if characterized in the paradigm of the life history, from which we reconstruct an experience human being lived in group. Thus, it was verified if the experiences gotten for a corporal culture of movements throughout its lives (personal identity and professional identity), had an retrospectos in its practical professor, contributing so that the same ones if (re) discovered rooted educators and not only reproducing history call rooted teaching practices.

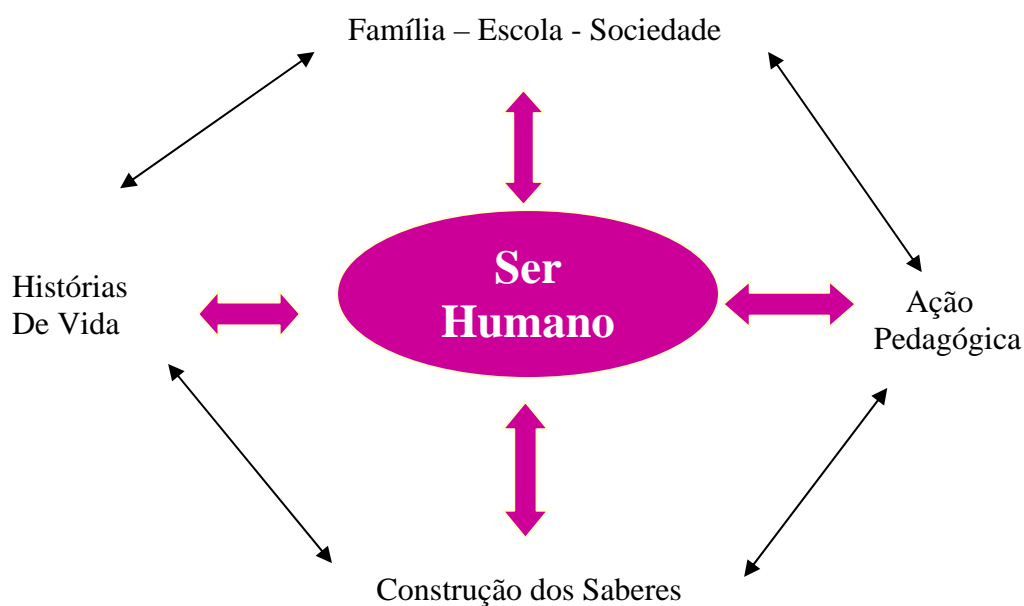
**Key Words:** Physical Education, Life Histories, Teaching Practice.

<sup>1</sup> Prof<sup>a</sup> Especialista Amanda Teixeira Gomes;

<sup>2</sup> Prof<sup>o</sup> Adjunto do CEFD/UFSM MS. Wenceslau V. Cardoso Leães Filho.

De acordo com Daolio (1998), a institucionalização da Educação Física no Brasil se deu a partir da segunda metade do século XIX, baseada principalmente nas ciências biológicas, pois era vista como uma prática escolar com objetivos de desenvolver a aptidão física dos alunos e iniciá-los no esporte. No fim dos anos 70 e na década de 80, o debate na área aumentou e o predomínio biológico foi questionado; a questão cultural entrou em cena. Desta forma, utilizando a metodologia de histórias de vida, a partir de entrevistas biográficas e da análise de fragmentos das mesmas, é que contextualizamos esta pesquisa, que teve como foco as trajetórias de vida de três professores de Educação Física das Séries Iniciais do Ensino Fundamental, atuantes em três escolas, duas de redes estaduais e uma particular de Santa Maria.

**Diagrama ilustrativo do contexto de execução da pesquisa:**



A individualidade de cada um dos sujeitos entrevistados quanto à sua formação foi de extrema importância para o enriquecimento do trabalho. Um dos professores nasceu no ano de 1953, ingressou na Universidade Federal de Santa Maria em 1972, onde ficou por três anos. Formou-se em 1974, não realizou nenhum curso de Pós- Graduação, sempre esteve ligado ao esporte através de projetos sociais e durante alguns anos atuou na antiga Delegacia de Educação desta cidade. Em 1976 entrou no serviço público através de concurso para atuar em escolas do estado. Passou por outras cidades e retornou a Santa Maria, onde permanece atuando em escola pública desde aquela época.

Outro entrevistado, nasceu em 1964, iniciou a graduação em 1981 na antiga Associação dos Professores de Cruz Alta, hoje Unicruz. O curso tinha a duração de três anos. Obteve o título de Especialista em Educação Infantil pela Unifra em Santa Maria, onde veio morar por motivo de aprovação em concurso público. Atuou quando recém formado (fora da área) na biblioteca da Unicruz e logo em seguida iniciou sua docência em escola da rede estadual, permanecendo até os dias de hoje.

O terceiro professor entrevistado nasceu em 1967, iniciou a faculdade em 1987 na UFSM. Atualmente, exerce sua profissão em rede pública há 12 anos e particular há 16 anos em Santa Maria. Concluiu curso de Especialização e sempre atuou na Área de Educação Física Escolar.

A partir desta breve ilustração dos sujeitos da pesquisa esclareço que a idéia inicial partiu de muitas interrogações e observações a respeito de ações apresentadas por profissionais de Educação Física, como, por exemplo: “O que é SER professor de Educação Física”, quais motivos levaram-nos a escolher o ensino da Educação Física e a permanecer nele, por que atualmente precisamos provar nossa utilidade, por que é que fazemos o que fazemos em nossas aulas e se você acredita que um professor precisa ter vivenciado uma cultura corporal de movimentos para saber ensiná-la? Os sujeitos entrevistados aceitaram participar de livre e espontânea vontade, demonstrando interesse em contribuir e compreender o tema. A partir do contato com as escolas, foi feita a entrega de documentos entre as partes envolvidas para assegurar a confidencialidade dos nomes e das instituições. Assim como, a formação de um banco de dados que ficou sob a responsabilidade do pesquisador, contendo documentos, questionários, fitas e transcrições. O maior empecilho foi a contrastante diferença na receptividade dos envolvidos nas escolas públicas e privadas, principalmente com relação à burocracia para chegarmos até os professores e arquivarmos os dados selecionados através das entrevistas.

Os professores foram escolhidos atendo-se aos seguintes pré-requisitos:

- \* Graduados em Educação Física – Licenciatura;
- \* Atuarem nas Séries Iniciais do Ensino Fundamental;
- \* Pertencerem a realidades distintas;
- \* Estarem em diferentes momentos da carreira.

As entrevistas realizaram-se no ambiente escolar, tendo o cuidado para deixar os sujeitos livres de interferências, sendo as mesmas gravadas, transcritas e baseadas no roteiro utilizado por Vidigal (1996 p.120-123 e p.136-138). Além disso, utilizei questionários que construí no decorrer da pesquisa, onde os professores puderam responder com bastante tranquilidade as perguntas e trazê-las posteriormente. Algumas aulas foram observadas, mas não houve interferências diretas no contato com os alunos.

A pesquisa se caracterizou no paradigma da história de vida, na qual se valorizou o método biográfico como um discurso específico de um indivíduo, a partir do qual reconstruímos uma experiência humana vivida em grupo. Foram analisadas as histórias de vida de três professores graduados em Educação Física e que trabalham/trabalhavam nas Séries Iniciais do Ensino Fundamental. Tentou-se compreender a construção da prática docente destes profissionais, possibilitando uma reflexão sobre sua prática pedagógica; verificando se as vivências obtidas por uma cultura corporal de movimentos ao longo de suas vidas têm retrospectos em sua prática docente, e também considerando a possibilidade de se construir uma proposta metodológica junto a eles. Segundo Durham (1977), *“A cultura constitui o processo pelo qual os homens dão significados às suas ações através de uma manipulação simbólica que é atributo fundamental de toda prática humana”*(p.34) e de acordo com Demo (1993):

**“Não está em jogo produzir uma ciência propriamente, mas construir a metodologia do aprender a aprender. Quando falamos em intervenção metodológica não significa criarmos uma nova teoria ou metodologia de ensino, mas sim, construir de acordo com cada realidade formas de ensinar e aprender que não se reduzam apenas aos muros escolares”.**

Foi possível manter um diálogo sobre a ação do professor, mas todos salientaram o grande desafio de aplicar alguns conhecimentos teóricos em suas aulas em função a diversos fatores. Por estarem em diferentes momentos da carreira e pertencerem a realidades distintas, apresentaram perspectivas diversas em relação ao futuro da carreira, diante do quadro apresentado pelos cursos de formação acadêmica e até mesmo frente a realidade escolar encontrada.

Vale salientar que as experiências adquiridas como forma de cultura corporal de movimentos pelo professor de Educação Física são muito importantes. Porém, não são determinantes no ensino, são complementares e favorecem a prática docente. Todavia, independente de sua trajetória de vida, nada impede que o mesmo atue em um segmento no

qual jamais vivenciou. Por isso, destaco a necessidade de o professor não iniciar precocemente sua especialização em algum ramo da disciplina, mesmo que esta acabe sendo inevitável. Nesta contradição, encontra-se o grande retrospecto das histórias de vida na ação docente.

Assim, SER professor é completamente diferente de estar na carreira por tempo indeterminado ou por falta de opção. Ser professor é uma conduta de vida, é incorporar o SER e o FAZER pertencentes ao ato pedagógico. Como diz Leães Filho (1990):

**“Não basta para desenvolvermos uma mudança, buscarmos uma nova antropologia, reescrevermos nossos currículos, nossa didática e nossa metodologia. Se torna necessário acreditarmos no ato pedagógico. E acreditar no ato pedagógico é construir através da educação uma transformação social, transformação social essa que começa por entendermos, analisarmos e criticarmos nosso cotidiano”.**

Muitas vezes a falta de comprometimento do professor com o a ação pedagógica gera transtornos de diversas ordens. Conhecer seus direitos e deveres, assumindo uma postura condizente com o ato educacional é o mínimo que se espera de quem É ou quer SER professor. O que infelizmente vem ocorrendo em diversos níveis do sistema de ensino brasileiro é o que exemplifica mais uma vez, perfeitamente, Demo (1993):

**“Os professores, como regra, só foram treinados para ensinar, e nunca ultrapassaram o estágio da mera aprendizagem. De cópia em cópia, são cópia, e isto recopiam indefinidamente. Aulas são importantes, mas apenas instrumentais”.**

Por tratar-se de uma área bastante abrangente, não podemos jogar a culpa de não sabermos tudo em nossa formação acadêmica. Negar o que não conhecemos, é rejeitar o APRENDER. A formação de um profissional nunca termina, é um processo constante, que exige dedicação, disciplina e esperança na transformação.

*“Procuro sempre aliar a teoria à prática, através de palestras, filmes, trabalhos, enfim... várias formas, e tenho certeza que é através desta mescla que iremos reformular a consciência do papel da Educação Física na sociedade e também na escola, por isso sempre procuro utilizar desta união”.* (professor)

A conscientização dos professores na importância de continuar estudando e a implementação de políticas públicas para formação continuada dos mesmos, são condições essenciais para a qualidade do ensino. A desintegração entre conhecimentos científicos e práticas pedagógicas é capaz de gerar conseqüências desastrosas. A fala de um dos entrevistados ilustra este quadro em que se encontra a educação. Professores com formação

específica, alunos com vontade de aprender; e, no entanto uma ligeira confusão quanto à sua prática pedagógica:

*“Eu tento me aperfeiçoar. Mas pelo que eu vejo não é uma forma errada sabe, eu tô dentro do padrão. Dô meu aquecimento, converso bastante com os alunos, trato como filhos eles; porque eu adoro as crianças! Às vezes eu sou durona, meio sargento, eles gostam disso!”* (professor).

Diante desta fala conclui-se que todo professor e todo ser humano é formado por uma rede de valores e significados. Durante o desenvolvimento de sua prática pedagógica expressa aquilo que acredita e aquilo que é imprimindo aos seus alunos um pouco do seu também SER. É muito importante que o professor tenha em mente e bastante definidos seus objetivos, enquanto principal agente do FAZER EDUCACIONAL. Assim como, ter uma fundamentação teórica que sustente a sua prática. Como sugere Demo (1993):

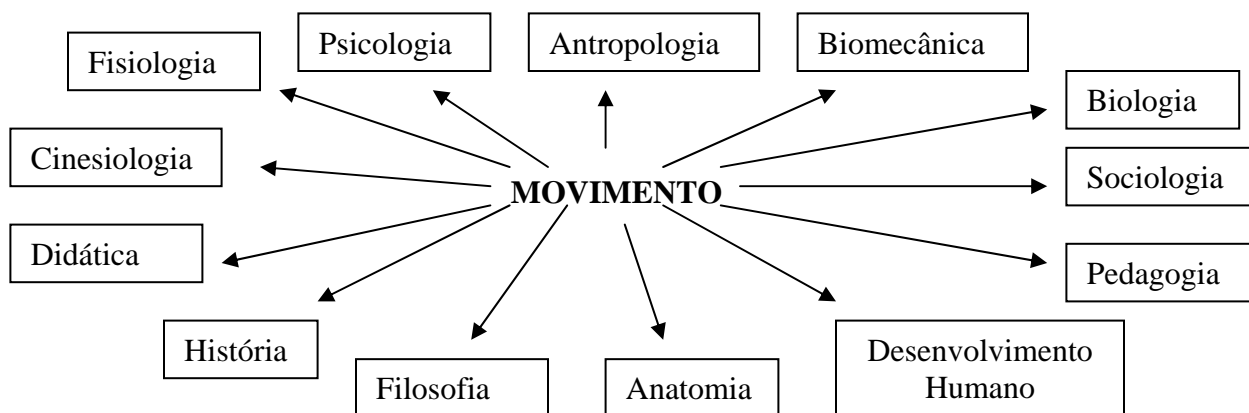
**“A velha aula vive ainda da quimera do fazer a cabeça do aluno, via relação discursiva, decaída na exortação e na influência autoritária, sem perceber que isto, no fundo, sequer se diferencia do fenômeno da fofoca. Um professor incapaz de elaborar projeto pedagógico próprio é incompetente para motivar processos emancipatórios”.**

Esta pesquisa surge como uma forma e um instrumento de transformação social. Sem querer ser vista apenas como um discurso libertário, mas principalmente, com o intuito de que o ato pedagógico modifique e reconstrua a realidade. Eu, também professora, não estou aqui para apontar erros ou falhas, proponho um momento de parada e reflexão sobre si próprio (professor), sobre sua prática e sobre o ser humano que nos tornamos. ***“Nenhum trabalho pode se contentar em apenas descrever a realidade. Esse é o grande desafio que a história e as ciências sociais, de um modo geral, têm vivido – delimitar a fronteira entre o descrever e o compreender, entre o registro e o entendimento*** (Aspásia Camargo, in: **Org. Marieta de Moraes Ferreira, 1994; p.75).**

Quando falamos em construção de uma proposta metodológica, não significa dizer como devem ser as aulas dos professores. Mas sim, propor um diálogo entre os mesmos e entre eles e seus alunos. Não acredito em métodos para serem aplicados, acredito em construções de novas realidades, tendo como ponto de partida suas dificuldades, seus limites e suas capacidades. De acordo com Gadotti (1999):

**“Só a crítica que se converte em práxis escapa da ilusão. Para essa práxis não existem receitas. Cada professor, cada classe, cada centro de ensino, cada sociedade deve desenvolver seu esforço em função de seus problemas e de suas possibilidades. Somente esse esforço, unido ao esforço comum de transformação social, pode conseguir que a educação seja um processo enriquecedor e facilitador do desenvolvimento pessoal e social”.**

O professor de Educação Física precisa ter uma cultura geral capaz de interligar as diversas áreas do conhecimento, facilitando de maneira relevante o ensino de sua disciplina, não como **“mera justaposição de disciplinas auto-suficientes”**, Kunz (1996), mas entendendo-se o MOVIMENTO como algo inerente ao ser humano, estando no centro desta unidade de saberes que envolvem a Educação Física.



Sabe-se que é inevitável ao longo da carreira o conhecimento especializado, mas manter-se atualizado e estabelecer relações que possibilitem a troca de informações é imprescindível para que professor recicle sua ação pedagógica constantemente.

Hurtado (1988) cita condições essenciais à formação do professor de Educação Física, são elas: vocação, aptidões específicas, preparo especializado na disciplina, habilitação profissional e cultura geral.

*“Sempre soube que ser professor era e é uma vocação. Ao iniciar no Ensino Público, o salário era interessante, mas aos poucos foi decaindo (professor)”.*

Por isso, nesta pesquisa buscou-se muito o diálogo e a ação conjunta de outras áreas do conhecimento além da Educação Física. Num primeiro momento, a primeira palavra que vem a tona é INTERDISCIPLINARIEDADE. Em meio a tantos questionamentos que geraram este trabalho e de acordo com Kunz (1996), a produção de conhecimento pelas Ciências Sociais, enquanto questionamento sistemático tem duas funções básicas:

- Produzir conhecimentos para o Esclarecimento/ Compreensão de uma determinada Realidade, ou;
- Produzir conhecimentos de Instrução para Intervir na Realidade.

Os objetivos do estudo foram atingidos de maneiras e com dimensões diferentes em cada uma das realidades estudadas. Para não ficarmos apenas no campo da abstração e da crítica pela crítica, é que eu me coloquei lado a lado com os profissionais envolvidos. Uma



das principais dificuldades encontradas foi modificar a ação pedagógica a partir das dificuldades encontradas. Chocaram-se interesses da escola, dos alunos e dos outros professores. É nesta complexa rede de valores, normas e significados que a Educação Física encontra-se. Portanto, antes de intervir, é preciso compreender e para que haja compreensão é preciso esclarecimento. A partir do momento que o professor tem consciência do seu papel e consegue entender sua responsabilidade no processo educacional, dá-se o segundo passo para intervir na realidade a partir de sua ação pedagógica. Como sugere a fala de um dos professores:

*“Acredito que o professor está um pouco desacreditado por todos, e a culpa maior é do professor mesmo. Acho que cursos de atualização para professores são sempre bem-vindos e também que os governos tenham mais atenção com a educação não só nos discursos, mas efetivamente na prática (professor)”.*

Está mais do que na hora de mudar uma herança cultural propagada há séculos. Não deve haver mais espaço para a inserção de termos como: transmissão, imposição e negação. Como diz Morin (2000): **“Necessitamos civilizar nossas teorias, ou seja, desenvolver nova geração de teorias abertas, racionais, críticas, reflexivas, autocríticas, aptas a se auto-reformar”**. Repassar conteúdos de formas que parecem enraizadas em nossos currículos, sem o mínimo de criatividade ou ousadia, não condiz com o novo aluno que temos nas escolas. Crianças com valores provindos de outras gerações, convivendo com professores formados por novas e também antigas concepções de ensino; exigem mais do que um simples estímulo desintegrado de um contexto social. Ao mesmo tempo em que foi construindo sua história, o homem foi também (re) construindo seu entendimento de corporeidade e modificando seu papel social na educação. A escola permanece com as mesmas bases administrativas, mas seus ensinamentos precisam preparar o aluno para esta constante troca de informações entre a família, as tecnologias e os saberes docentes. Em meio a tantas discussões sobre a prática pedagógica da Educação Física, o momento atual exige uma reestruturação humana e legislativa deste profissional perante a sociedade. De acordo com Candau (1999 apud Moreira Org; 2002):

**Quando se participa de encontros, seminários e congressos em todo o continente, chamam à atenção a homogeneidade do discurso sobre a atual crise da educação e suas causas, assim como a uniformidade dos temas destacados e das propostas que se tenta pôr em prática nos diferentes contextos.**

Contudo, esta pesquisa não sugere mais a construção de uma nova metodologia e nem o destaque das evidências educacionais de um país em crise. Após a realização e

transcrições das entrevistas, outro caminho é apontado e seu início dá-se em cada um de nós. Até mesmo porque, de certa forma, os temas apresentados na maioria das propostas ao longo dos anos; se repetem em um ciclo contínuo e agravante. Cada vez que temos novas eleições, o que se vê é a aparente indiferença frente às bases estruturais e o lançamento de novas estratégias como se fosse possível anular ações governamentais fracassadas! Como diz Freire (1996): **“É que a ideologia tem que ver diretamente com a ocultação da verdade dos fatos, com o uso da linguagem para penumbrar ou opacizar a realidade ao mesmo tempo em que nos torna míopes”**. Analisar a prática docente através de entrevistas biográficas surge como uma forma de compreender a construção de seus processos de formação pessoal e profissional. Segundo Maciel *et alii* (2002, p.5):

**Cada docente faz pedagogicamente o que “acha” melhor. Retira de cada curso que faz o que “acha” que é bom e ministra o que “acha” que lhe é conveniente, avalia o que “acha” que deve, cobrando de seus alunos aquilo que se propõe: a memorização.**

Acredito na importância do professor ter para si bem claro seu embasamento enquanto agente do fazer educacional, informando aos seus alunos sua forma de ação pedagógica, os objetivos da aula e suas intenções enquanto formador. Conforme Paro (2001): **“As políticas públicas colocam os docentes em fronteiras de guerra, expostos a tiroteios de todos os lados e esperam que eles se viam no cumprimento de papéis sociais incompatíveis.”** Da mesma maneira que aprende o professor ensina diariamente, por este motivo, continuar estudando e implementar ou reestruturar políticas públicas torna-se essencial para a qualidade do ensino. A desintegração entre conhecimentos científicos e práticas pedagógicas pode gerar conseqüências desastrosas. **“O professor de Educação Física que centra sua prática apenas no movimento está baseado no senso comum”** (Barbosa, 1993a, p.39 apud Barbosa 2001, p.50).

*“... aqui no colégio formamos uma equipe de professores de Educação Física, onde semanalmente ou mensalmente nos reunimos para discutir nossa forma de trabalho, nossos projetos e outras atividades que ficam sob nossa responsabilidade. Somos nós que compomos nossa estrutura de aula com base na filosofia... e também nas propostas do colégio”. (professor)*

Partindo-se do pressuposto de que há muitos anos (ainda bem) ela encontra-se em crise e considerando sua trajetória ao longo dos tempos, acredito estar na formação docente com mais qualidade o primeiro passo para a construção de futuros cidadãos. Inclusive, se a este trabalho estiver integrada a ação familiar, que contribuirá no crescimento e

desenvolvimento do ser humano como um todo. Conseqüentemente, no que se refere à Educação Física, luta-se contra um amálgama de tendências que como diz Ghirardelli (1994a apud Barbosa, 2001), **“os leva a um ecletismo pouco produtivo”**. Desta forma, um professor consciente de seu papel e com condições para desenvolver seu trabalho, tem mais possibilidades de agir e transformar o mundo que o cerca. Conforme Barbosa (2001):

**Na verdade, o que faz uma aula ser chata não é o conteúdo da disciplina em si, nem o espaço físico onde ela é ministrada, mas a postura do professor durante a aula. Assim, uma aula dentro de sala pode ser tão agradável para o aluno quanto um jogo de futebol ao ar livre.**

A partir disso, poderá ser dado um novo enfoque e uma nova configuração aos sistemas de formação continuada; modificando quem sabe, o papel social do profissional de Educação Física. Analisar a prática docente requer em primeira instância a aceitação do professor nesta engendrada rede de significados que envolvem o ato pedagógico enquanto cultura.

Sendo assim, não se trata de um messianismo pedagógico, mas sim de reafirmar a importância da educação na formação de um povo. E se nós, professores de Educação Física deixarmos de acreditar nisto, quem o fará por nós? Envolvidos por um contexto sócio-econômico conturbado, trata-se de uma tarefa não muito simples e progressiva, mas que deve iniciar-se de uma vez. Apesar de novos tempos, vive-se ainda em velhas concepções, atrelado a currículos estanques e fragmentados. Reinventar metodologias, propor novos conteúdos; de nada adianta se o professor, o ser humano não quiser e não mudar sua essência, sua maneira de ser, de pensar e de agir diante deste turbilhão de exigências que a sociedade lhe impõe. Ao longo dos anos houve inúmeras modificações no que se refere à reforma educacional, no entanto, o mais óbvio não ocorre. A mudança de mentalidade, de conduta e de postura profissional. Segundo Santin (1987): **“Não é a lei que estabelece a importância. A legislação tem como função consagrar a importância, mas nunca criá-la”**.

*“Hoje os alunos não valorizam mais o professor. O professor tá sendo quase que um empregado deles” (professor).*

A desvalorização do profissional de Educação Física está repleta de questões culturais propagadas há séculos, no entanto, o fazer educacional é algo que exige além de amor pelo que fazemos uma grande responsabilidade na tarefa de educar. Quem não se acha capaz de encarar esta luta, que caia fora e não coloque a culpa inteiramente no aluno,

na escola ou no seu salário! É preciso parar de ter pena de si mesmo e adquirir conhecimentos suficientes para ensinar seus alunos e para reivindicar o que se quer. Mudança de mentalidade exige tempo. Não é isolando-se em uma sala no fundo do corredor, fugindo de reuniões ou sendo amigo dos alunos que vamos mudar o perfil do profissional de Educação Física. Desta forma, de acordo com Santin (2002):

**“Não se pode esquecer que, em última instância, quem determina o perfil de um profissional é a demanda social, ou seja, o tipo de serviço que o indivíduo ou a sociedade estará solicitando a fim de resolver seus problemas e satisfazer suas necessidades. No caso da Educação Física, o que está em jogo é a própria vida, portanto, o objetivo primeiro seria proporcionar recursos para garantir uma boa qualidade de vida. O tema da corporeidade, portanto, coloca a Educação Física diante da possibilidade de repensar sua compreensão de homem, de redefinir sua atuação pedagógica, de redimensionar suas bases epistemológicas”.**

Os motivos que levaram estes indivíduos a escolherem a carreira de professor de Educação Física são distintos, mas foram decisões tomadas durante a infância ou adolescência, que apenas consolidaram-se na fase adulta. Diante da fala dos entrevistados, mais uma vez evidencia-se a importância da formação (identidade pessoal e identidade profissional) e seus retrospectos na construção do ser humano. Entre eles tivemos o amor e o gosto pelos esportes, vocação, o prazer em trabalhar com crianças e a vontade de SER e FAZER “outra” Educação Física; diferente daquela que FOI aluno.

*“Ah...Porque ele era bem calistênico e todo mundo questionava os métodos dele, então isso acabou me influenciando...pensando que teria outra, outro modo de agir como professor e, abordar a atividade física em si”.* (professor)

É importante deixar claro que ninguém nasce SENDO professor ou qualquer outra profissão. A palavra vocação gera algumas contradições, mas ela ainda se faz presente no imaginário de muitas pessoas. A formação de todo ser humano está diante de um contexto histórico e cultural bastante abrangente.

Em se tratando de instituição escolar e a prática pedagógica dos professores, é clara a influência das teorias pedagógicas da Educação Física; seja com enfoque biológico, psicológico ou psicomotor. Neste ponto, tornou-se visível que as vivências obtidas por uma cultura corporal de movimentos ao longo de suas vidas (identidade profissional e identidade pessoal), tiveram retrospectos em sua prática docente. Entre elas, a que mais teve destaque foi a Educação Psicomotora, que exerceu grande influência nos anos 70 e 80 aqui no Brasil e que continua bastante difundida em nossas escolas. Segundo Mazo e Goellner (1991):

**“Os principais autores da educação psicomotora, referem-se à íntima relação existente entre mente, corpo e afetividade que desejam afirmar e confirmar. No entanto, esta propagada inter-relação, por si só, não garante que a criança seja entendida na sua globalidade quando participante de atividades motoras, até porque a escola e seus conteúdos continuam bastante tradicionais, hipervalorizando os aspectos cognitivos.**

Acredito que SER professor de Educação Física é uma das profissões mais difíceis que existem. Não coloco aqui por ordem de relevância, mas apenas cito algumas dificuldades com as quais temos que trabalhar: baixo salário, elevado número de alunos, carência de materiais (exceção às escolas particulares), pouco espaço físico, desvalorização da disciplina, pouco tempo para trabalhar com os alunos, insatisfação de alguns pais, pouco apoio dos setores administrativos da escola e caracterização da disciplina como um passatempo.

Além disso, é nas aulas de Educação Física o momento em que todos se colocam em movimento. Saem de trás das suas classes, das suas fileiras e dos seus silêncios. Nem todos se sentem à vontade neste espaço da aula de Educação Física, mas é neste ritmo, neste ir e vir do “se-movimentar-se” que se faz à vida. Que se constrói a criança, o homem e o cidadão do futuro. No movimento todas as diferenças gritam aos olhos e todos os medos podem ser vencidos.

Os professores, desde sua entrada na carreira passam por diferentes fases, que segundo Nóvoa (1992), são: 1) Início, 2) Estabilidade, 3) Divergência, 4) Serenidade e 5) Renovação do interesse e desencanto. Mesmo assim, muitos buscam a estabilidade que pode ser proporcionada pelo concurso público, seja em âmbito municipal, estadual ou federal. Observe a fala de um **professor**:

*“Sempre trabalhei em escola pública. Claro que no início da carreira a gente faz o impossível para acertar, talvez em função da inexperiência. Hoje, não quer dizer que me dedico menos, mas a experiência faz com que muita coisa seja deixada de lado (professor)”.*

A que se deve esta acomodação ou desilusão que ocorre principalmente no serviço público? Já a instabilidade da escola particular, de certa forma colabora para que o professor esteja sempre mostrando resultados? Por que perante a sociedade os dois não têm o mesmo status? Mesmo que às vezes atuem nos dois segmentos: público e privado. Afinal, é o mesmo profissional, o mesmo ser humano.

A carreira de professor, em geral, não apenas na área da Educação Física, encontra-se em um momento caótico agravado pelos escândalos em diversos setores da sociedade.

Acredito, em primeiro lugar, que quem busca esta profissão é movido por algo que nada tem a ver com o aspecto financeiro. Na maioria das vezes, são pessoas que ainda acreditam no ato pedagógico e em um mundo melhor e mais justo. São pessoas que no seu dia-a-dia constroem e plantam sementes, apesar das contrariedades. No entanto, a disparidade social é tão grande, que enquanto uns trabalham 40 horas semanais e ainda cuidam dos afazeres domésticos; outros trabalham três ou quatro vezes na semana em turnos reduzidos. O que quase ninguém tem consciência, é que a formação escolar e acadêmica de todos nós repercutirá em seu/nosso futuro. É fundamental investir na educação, na revalorização do professor, em uma melhor remuneração e na implementação de condições de trabalho decentes. A fala a seguir ilustra um ponto de vista do nosso ensino de terceiro grau:

*“... eu vejo assim o curso bem perdido... vejo o medo dos alunos, que saem da graduação assumirem uma turma, eles têm medo de aluno, e o que é mais uma revolta minha, eles não incentivavam que tu fosse para uma especialização, porque eles queriam que tu fosse pro mercado de trabalho e retornasse com o teu conhecimento”.* (professor)

Existem diversos fatores envolvendo as transformações ocorridas nas grades curriculares dos cursos de graduação e pós-graduação das instituições de ensino brasileiras, da mesma forma que dependendo da região ou do centro de ensino, tem-se um perfil do profissional que de lá sairá com seu diploma. Sabe-se que a graduação é responsável pela formação geral dos professores e que a pós-graduação deveria formar pesquisadores. Entretanto, não é sempre assim que acontece, algumas vezes, a continuidade nos estudos serve para preencher algumas lacunas deixadas anteriormente, por um ensino bastante segmentado. A passagem de um nível (graduação) para outro (pós-graduação) ocorre de maneira gradativa, assim como, a formação de um pesquisador. ***“Portanto, não é o conhecimento especializado – por certo necessário na pesquisa e em muitas outras áreas – que conta, mas a combinação deste com uma série de competências generalizadas. Ou seja, todo especialista de primeira linha é também um generalista”***(Castro, 2001).

O que verificamos nos modelos de formação vigente ***“é que apenas algumas disciplinas do currículo têm a responsabilidade de pensar a prática docente. Uma teoria que não serve para a prática não é teoria; por outro lado, uma prática esvaziada de teoria não tem sustentação”*** (Maciel, Pavanello & Moarais, in: Mediano, 1984).

*“Criatividade, expressão corporal e vivências motoras são muito importantes, porque o professor de Educação Física trabalha com o corpo e precisa mostrar isso, pois o aluno primeiro copia o que vê, para depois pensar e melhorar seu movimento (professor)”.*

Reside nestes fatores a minha justificativa em optar por pesquisar junto aos profissionais que trabalham nas Séries Iniciais do Ensino Fundamental. Ninguém melhor do que aquele que está em contato com a realidade para falar sobre ela. A complexidade do ato pedagógico não deve ofuscar a necessidade de estudar, ler e manter-se informado sempre. Segundo Nóvoa (1992), **“a formação deve estimular uma perspectiva crítico-reflexiva, que forneça aos professores, os meios de um pensamento autônomo”**. Destaco então, as dificuldades e as estratégias encontradas no decorrer da pesquisa:

#### **Dificuldades encontradas:**

- Descaso de alguns alunos perante a disciplina;
- Influência da mídia nos conteúdos trabalhados em aula;
- Desvalorização do professor;
- Baixo salário;
- Elevado número de alunos na mesma turma;
- Falta de recursos físicos e humanos;
- Desarticulação entre os setores administrativos da escola;
- Unidocência;
- Desinteresse de alguns pais;
- Responsabilidade do professor pelo fracasso escolar;
- Atestado médico;
- Dias de chuva e a grande problemática quanto a infra-estrutura das escolas e os conteúdos trabalhados em aula.

#### **Estratégias de mudanças:**

- Modificações curriculares;
- Modificações legislativas;
- Mudança de mentalidade cultural;
- Aproximação entre família e escola;

- Aumento do salário;
- Revalorização profissional;
- Reconstrução da identidade (profissional e pessoal);
- Disponibilização de recursos financeiros e humanos;
- Oferta de cursos de formação continuada;
- Possibilidade de afastamento da escola em algum período para que o profissional possa participar destes cursos;
- Intercâmbio entre escola e universidade;
- Reconstrução do status profissional;
- Contratação de mais professores;
- Articulação entre os setores administrativos da escola;
- Políticas públicas capazes de serem efetivadas.

Entendo desta forma, que o caminho diante dos problemas e das estratégias de mudanças encontradas, seja investir em mais estudos sobre teorias progressistas da Educação Física e obter, quem sabe, uma reformulação no entendimento de movimento humano. Afinal, a escola é um local designado para a aprendizagem (educação), mas não é o único. Desta forma, pergunto:

- **Somos realmente licenciados?**
- **Qual a função da escola?**
- **Por que ou para QUEM eu (PROFESSOR) estudo?**

Ou, como afirma Bracht (1999):

**“... é fundamental entender o objeto da Educação Física, o movimentar-se humano como fenômeno histórico-cultural. No entanto, é preciso ter claro que a própria utilização de um novo referencial para entender o movimento humano está na dependência do imaginário social sobre o corpo e as atividades corporais.”**

Só a partir do momento que houver mudança de mentalidade do professor e de cada um pertencente ao seu grupo de relações sociais, é que gradativamente poderemos tentar reconstruir este quadro. Integrar os centros de formação, as instituições de ensino e os graduandos com a realidade escolar são condições imprescindíveis para que cada um compreenda aquilo que É e o ser humano que SE TORNOU ao longo de sua trajetória de



vida. Considero esta pesquisa a finalização de apenas uma etapa, tanto em relação aos professores envolvidos quanto a mim mesma como profissional. Pretendo dar continuidade a este projeto através da minha formação e da articulação já estabelecida com outros colegas da área educacional. Desta forma, modificaram-se não apenas os sujeitos envolvidos, mas todos pertencentes ao âmbito da pesquisa diante da imagem que tinham do professor de Educação Física.

### **Referências Bibliográficas:**

BARBOSA, Cláudio L. de Alvarenga. Educação Física Escolar: da Alienação à Libertação. Editora Vozes: Petrópolis, 2001.

BARBOSA, Cláudio L. de Alvarenga. Educação Física Escolar: as representações sociais. Editora Shape: Rio de Janeiro, 2001.

BRACHT, Valter. A Constituição das Teorias Pedagógicas da Educação Física. Cadernos CEDES, v.19, nº 48: Campinas, Ago 1999.

CASTRO, Cláudio de Moura. Revista Veja. P.25. 4/04/2001.

DAOLIO, Jocimar. CORPOCONSCIÊNCIA. Revista da Faculdade de Educação Física de Santo André: Educação Física e Cultura, Santo André, nº 1, 1998.

DEMO, Pedro. Desafios Modernos da Educação. Editora Vozes: Petrópolis, 1993.

DURHAM, E.R. A Dinâmica cultural na sociedade moderna. Ensaio de Opinião.V.4, p.32-34, 1977.

FERREIRA (Org), Marieta

FREIRE, Paulo. *Pedagogia da Autonomia: Saberes Necessários à Prática Educativa*. Editora Paz e Terra: São Paulo, 1996.

GADOTTI, Moacir. *Histórias das Idéias Pedagógicas*. Editora Ática: São Paulo, 1999.

HURTADO, J.G.G.M. *O Ensino da Educação Física: uma Abordagem Didático- Metodológica*. Editora Prodil: Porto Alegre, 1988.

KUNZ, Elenor. *Revista Brasileira de Ciências do Esporte: “Ciência e Interdisciplinariedade”*. 17 (2), JAN/96; p.138-141.

LEÃES FILHO, Wenceslau Virgílio Cardoso. *Dissertação de Mestrado: “Análise Crítica do Mundo do Movimento da Criança na Idade Escolar”*. Santa Maria-RS, Brasil, 1990.

MACIEL, PAVANELLO & MORAES. *Formação de Professores e Prática Pedagógica*. Editora Eduem: Maringá, 2002.

MAZO, Janice Zarpellon e GOELLONER, Silvana Vilodore. *KINESIS: “Algumas considerações relacionadas com a psicomotricidade no contexto da educação física escolar*. 1991, nº 8, 29-48.

MOREIRA (Org), Antonio Flávio Barbosa. *Currículo: Políticas e Práticas*. Editora Papirus: Campinas, 2002.

MORIN, Edgar. *Os Sete Saberes Necessários à Educação do Futuro*. Editora Cortez, Brasília, DF: UNESCO: São Paulo, 2000.

NÓVOA, António (Org). *Vidas de Professores*. Editora Porto: Portugal, 1992.

PARO, Vitor Henrique. *Escritos sobre educação*. Editora Xamã: São Paulo, 2001.

SANTIN, Silvino. Educação Física: uma abordagem filosófica da corporeidade. Editora UNIJUÍ: Ijuí, 1987.

SANTIN, Silvino. Textos Malditos. Est Edições: Porto Alegre, 2002.

VIDIGAL, Luís. Os testemunhos orais na escola: história oral e projetos pedagógicos. Edições Asa: Lisboa, Portugal, 1996.

[mandagomes@yahoo.com.br](mailto:mandagomes@yahoo.com.br)

[wleaesfilho@uol.com.br](mailto:wleaesfilho@uol.com.br)

